

**SER OU NÃO SER:  
IDENTIDADE INDÍGENA EM QUESTÃO  
A PARTIR DE INDICAÇÕES DO PROJETO PANTON PIA'**

Jociane Gomes de Oliveira (UERR)

[jocianegomesdeoliveira@gmail.com](mailto:jocianegomesdeoliveira@gmail.com)

Devair Antônio Fiorotti (UERR)

[devair.a.fiorotti@gmail.com](mailto:devair.a.fiorotti@gmail.com)

**RESUMO**

Este artigo se dedica basicamente a destacar questões relativas à identidade indígena em Roraima, tendo como base as indicações do projeto de Iniciação Científica Panton Pia': Narrativa Oral Indígena, apoiado pelo CNPq. O objetivo primordial desta produção é identificar e discutir alguns fatores de cunho identitário relativos aos indígenas roraimenses a partir da percepção dos próprios entrevistados no decorrer do projeto Panton Pia'. Nesse caso, há destaque para dois relatos específicos: o de S. Dilmo e o de S. Terêncio, ambos anciãos indígenas em comunidades situadas ao norte de Roraima. O interesse em pesquisar a esse respeito se deve principalmente ao fato que os indígenas roraimenses, assim como é comum em todo o Brasil, são fortemente influenciados pela cultura dos não índios. Quanto ao aporte teórico desta produção, destacam-se Ortiz (s.d.), que trata especificamente do indígena em relação à identidade brasileira, e Ribeiro (1995), que situa o índio com matriz da população brasileira. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas gravadas em áudio e vídeo na própria comunidade em que habitam os sujeitos entrevistados. Com a coleta de dados, seguiu-se um processo de transcrição, conferência de fidelidade e copidesque das entrevistas. Posteriormente, os dados coletados foram organizados em um livro intitulado Panton Pia': Narrativa Oral Indígena. Como resultado, merecem destaque as contribuições à sistematização de informações acerca dos índios roraimenses, especialmente os das etnias macuxi, uapichana<sup>245</sup> e taurepang.

**Palavras-chave:** Ser ou não ser. Identidade indígena. Panton Pia'. Narrativa oral.

Há muito tempo a identidade desperta o interesse de pesquisadores das mais variadas áreas, como psicólogos, antropólogos, linguistas. Apesar disso, não há hoje uma definição unânime acerca do que seja a identidade, o que é muito comum às ciências humanas e indica a complexidade dos estudos identitários.

De maneira geral, sabe-se que a identidade está estreitamente re-

---

<sup>245</sup> Neste trabalho, foi feita a atualização ortográfica das palavras escritas em desacordo com a ortografia da língua portuguesa, visto que essas línguas indígenas não têm ortografia própria.

lacionada à língua e à cultura dos indivíduos aos quais se refere, ainda que não se resume a estes elementos. Em relação a isso, são relevantes as considerações de Hall (2011). Estudos desse autor apontam que a noção de identidade como algo imutável está sendo superada pelo alcance das transformações no mundo em seus diversos aspectos, que atingem o sujeito. Assim, Hall afirma que “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (2011, p. 12).

Essa possibilidade da multiplicidade identitária do sujeito abre possibilidades que podem e devem ser consideradas. No caso, tal multiplicidade diz respeito à capacidade que o sujeito possui de assumir posturas diferentes frente a situações diversificadas. Além do mais, no caso do estudo em relação à identidade indígena, que é a problemática específica deste trabalho, ampliam-se as possibilidades de discussões, afinal, o índio aqui em questão é brasileiro, e perde sentido a insistência na costumeira classificação em “índios e brancos”, como se fossem totalmente diferentes e pertencentes a grupos identitários isolados entre si.

Embora o parágrafo anterior possa parecer uma tentativa de simplificar a questão da identidade indígena, nosso objetivo é o oposto, pois entende que não basta dizer índios em contraposição a brancos, como se isso resolvesse o problema. Pelo contrário, a situação atual é uma situação híbrida (CANCLINI, 1989). Por isso, esta produção consiste em um estudo preliminar acerca da identidade indígena a partir da percepção de indivíduos entrevistados durante a realização das atividades do projeto Pantan Pia’i: Narrativa Oral Indígena, de Devair Antônio Fiorotti. Nesse caso, é importante destacar que estudar a identidade por si só é uma tarefa complexa, e ainda mais no que se relaciona aos povos indígenas, sobre os quais as informações ainda deixam muito a desejar.

Outras considerações que podem ser levadas em conta, no que tange à questão da construção identitária, são as de pesquisadores como Coelho e Mesquita, que reafirmam a existência de relação “[...] entre cultura, língua e identidade, haja vista que a cultura só se constrói por meio da língua e, ao produzir sentidos sobre algo, constrói identidades” (p. 32). Segundo essa perspectiva, a identidade se construiria a partir da produção de sentido, o que ocorreria através da língua e da cultura. Nesse caso, o processo de construção identitária estaria diretamente relacionado à coletividade, dada à ligação entre identidade e cultura. Kleiman (2001) corrobora esta ideia ao considerar que a identidade tem sido entendida a

partir da relação com o outro, o que na linguística aplicada é chamado de alteridade.

Também nesse sentido, Leray (2003) reforça a noção da identidade enquanto um construto que parte do coletivo, já que, conforme esse autor defende, não há como pensar em um indivíduo totalmente isolado do mundo quando, na verdade, esse faz parte de um grupo específico. Assim, tendo como base tal grupo, cada indivíduo aí inserido tem um parâmetro para desenvolver suas particularidades, numa contínua intenção e tentativa de diferenciação do outro, tendo em vista que a identidade é um “processo em andamento” (CORACINI, 2003, p. 243).

O *corpus* da pesquisa que serve de base para este artigo é constituído especificamente de trechos de duas entrevistas, realizadas com S. Terêncio e S. Dilmo, anciãos indígenas macuxi. Contudo, em certo momento no texto há referência à D. Maria de Nazaré anciã da etnia uapichana. Estas entrevistas fazem parte do já mencionado projeto Pantón Pia’: Narrativa Oral Indígena, que teve como um dos objetivos primordiais a coleta e a sistematização de dados referentes aos povos indígenas macuxi, uapichana e taurepang, localizados nas terras indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol e contou com a realização de entrevistas com 37 informantes de ambas as terras indígenas. O projeto é financiado pelo CNPq há seis anos. Após o processo de coleta de dados, realizado mediante gravação em vídeo e áudio, foi feita a transcrição, a conferência de fidelidade e cópiadesque das entrevistas.

De maneira geral, as entrevistas realizadas se mostraram ricas em informações linguísticas, culturais e históricas, além de reforçar a noção de que a miscigenação cultural entre indígenas e não-índios na região é intensa. Ademais, foram coletadas diversas narrativas mítico-lendárias. Todo o conteúdo das entrevistas foi organizado em livros que fazem parte de uma série de quatro volumes, intitulados da mesma maneira que o projeto do qual derivaram: Pantón Pia’. Entretanto, neste artigo o foco são apenas as questões identitárias reveladas pelo projeto, referentes principalmente à percepção de identidade que o próprio indígena tem de si. Para tanto, serão considerados estudos realizados por autores como Kleiman (2001), Hall (2011) e Leray (2003).

Nesse caso, o enfoque maior é dado a trechos das entrevistas de S. Dilmo e S. Terêncio que revelaram apuradas percepções acerca do ser ou não ser índio em uma sociedade em que predomina o descaso e até mes-

mo o preconceito em relação ao indígena, ainda que os roraimenses<sup>246</sup> sejam constituídos basicamente de uma mescla de pessoas que habitavam o território roraimense desde antes da chegada dos “brancos” – os indígenas –, pessoas de diversas regiões do país e indivíduos advindos da Venezuela e da Guiana (Cf. FREITAS, 1997).

Partindo para o estudo ao qual esta produção se propôs, ao longo do período de vigência do projeto Pantan Pia” foi possível observar, entre outras coisas, que é cada vez maior a pressão da sociedade em torno da figura do índio. Inclusive, há quem questione a identidade deste, afirmando que o fato de o indígena desfrutar de bens típicos da cultura<sup>247</sup> dos “brancos” (alimentação, eletrodomésticos, etc.) o torna “menos índio”. Contudo, sobre isso é válido o que afirma S. Terêncio, da comunidade Ubaru, ao relatar a mudança no método de construção de casas<sup>248</sup> na referida comunidade:

Agora alguém como vocês ou como antropólogos, missionários dizem “Poxa, uma vez que vocês têm uma casa de zinco, vocês não são mais indígenas”. Não! A casa é que não é casa de indígena, agora o indígena mora embaixo. Indígena permanecendo com a mesma linguagem, isso pra mim eu acho importante.

Na fala de S. Terêncio há destaque para o trecho em que ele afirma: “Indígena permanecendo com a mesma linguagem, isso pra mim eu acho importante”. Nota-se aqui que para ele a identidade está atrelada à noção de linguagem, de modo que ambas se mostram interdependentes. Nesse ponto, o entrevistado se mostra cômico de que a construção da identidade independe de o sujeito usufruir de bens atribuídos a grupos culturais que se colocam como diferentes, no caso os “brancos”. Disto apreende-se que, para Seu Terêncio, as relações linguísticas são muito mais determinantes para a constituição identitária de um grupo étnico do que o uso ou não de artefatos e utensílios cujo uso atribui-se geralmente aos não-indígenas, a exemplo do que afirma Antunes: “O povo tem uma

---

<sup>246</sup> Neste trabalho, por *roraimense* incluem-se pessoas nascidas ou radicadas em Roraima.

<sup>247</sup> O conceito de cultura pode suscitar muitas discussões. Contudo, neste caso, será adotada uma concepção de cultura empregada pelo UNICEF (2011, p. 11): “tudo o que as pessoas fazem para construir sua existência, tanto em termos materiais como espirituais, envolvendo aspectos físicos e simbólicos”.

<sup>248</sup> Antigamente, nas comunidades indígenas os telhados das casas eram feitos principalmente de palha. Com o tempo e as interferências dos não-índios, na região do Ubaru os telhados passaram a ser construídos com zinco.

*identidade*, que resulta dos traços manifestados em sua *cultura*, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo a *linguagem verbal*.” (2009, p. 19).

Ainda que a identidade seja produto de muitos outros elementos além da língua, é com frequência que os aspectos linguísticos são apontados como uma das principais marcas da identidade de um indivíduo ou grupo social. Nas palavras de Leray (2011, p. 120),

A língua é o primeiro vetor identitário que testemunha a diversidade sociolinguística das comunidades humanas e a construção identitária não se restringe aos limites de um território, mas inscreve-se numa história mestiça de línguas e culturas.

Na prática, para grande parte das pessoas a língua é o que, de certa forma, define a identidade de um sujeito, embora tal critério de delimitação do ser nem sempre se mostre válido. No caso dos índios roraimenses, por exemplo, é comum encontrar indivíduos que não praticam a língua de sua respectiva etnia e nem por isso tais sujeitos podem ser considerados “menos índios”. Por isso é importante compreender a língua não como um elemento delimitador e definidor de identidade. De fato a língua possui importante espaço na formação da identidade, mas não a determina.

Aliás, nesse sentido Maher advoga que “[...] a construção da identidade não é de domínio exclusivo de língua alguma, ainda que ela seja, sempre, da ordem do discurso” (2006, p. 135). Quer dizer, não é necessariamente esta ou aquela língua que define a identidade de um indivíduo, mas o uso discursivo que se faz de tal língua. Para a autora em questão, o discurso seria a “linguagem em uso”. Na prática, essa questão é percebida em discursos como o de D. Regina, citada na pesquisa de Fiorotti (2013). D. Regina se afirma como indígena por apresentar determinados traços físicos herdados de pais indígenas, como a cor da pele, e não pelo uso da língua materna.

O discurso de S. Terêncio dá mostras de um indivíduo cada vez mais consciente de si enquanto sujeito integrante de um grupo identitário determinado, no caso, o indígena. Esse indivíduo contraria totalmente a falsa noção do índio como uma figura menos desenvolvida que os demais componentes da sociedade, ou como alguém que vive de maneira isolada e totalmente diferenciada da forma como vivem os “brancos”. Na verdade, como apontam pesquisas de Fiorotti (2013), de maneira geral os indígenas roraimenses vivem de forma similar aos brancos, e com mostras do intenso processo de transculturalização (ORTIZ, 1983).

Outra importante questão relativa à identidade indígena foi levantada em recente apresentação no II Seminário em Educação, Ciência e Meio Ambiente – Campus de Alto Alegre & I Seminário de Integração PIBID/UERR em Alto Alegre, realizado em 24 de junho de 2014 no município de Alto Alegre, Roraima. Nessa ocasião, o projeto no qual este artigo está ancorado foi exposto em forma de comunicação oral, e um ouvinte comentou o fato de que muitas vezes a desvalorização do índio parecer partir de dentro da própria comunidade indígena. Mas aí é que se encaixa um aspecto muito importante acerca destes povos: pelo que foi possível constatar, essa desvalorização faz parte de um complexo processo que tem início em parte da população não-indígena, mas que acaba atingindo os índios por meio da forte influência social exercida pela atitude de muitos não-índios.

Além disso, como destacou S. Terêncio, o fato de os índios utilizarem objetos e bens tipicamente tidos como pertencentes aos não-indígenas não os diminui como índios. O que pode acontecer é que o uso de tais artefatos influencie na absorção da cultura dos *caraiúas*<sup>249</sup> por parte dos indígenas, num complexo processo de interinfluências.

Entretanto, na maioria das vezes não é isso o que prevalece na concepção social de identidade, que em geral baseia-se na reduzida visão de que a construção identitária se delimita exclusivamente a partir de elementos de domínio exclusivo de determinados grupos étnicos e sociais em que cada sujeito se insere, e que o uso de tais elementos por parte de sujeitos externos ao grupo de domínio desconstrói sua identidade enquanto participante outro grupo.

Colocando de lado o absurdo dessa noção, o fato é que essa concepção limitadora se reflete na percepção que muitos indígenas têm de si mesmos, chegando a aceitar que são menos índios porque abandonaram muitas práticas comuns a seus respectivos povos e passaram a utilizar instrumentos, artefatos, equipamentos em geral utilizados pelos “brancos”. Sobre esse assunto, S. Dilmo faz um relato interessante:

[...] Eu fui pra uma conferência nacional de saúde em Brasília, aí quando chegaram os Pataxó, os Pataxó chegaram dançando, dançando aquela coisa, aquela cultura deles mesmo, tudo pintado, dançando e o macuxi não, né? “Esses são os indígenas mesmo.” Eu vi o coisa: “Esses, esses sim são os indígenas mesmo.” Aí disse: “E nós num somos indígena não?” Né? Então num sei. O

---

<sup>249</sup> Esta é a denominação dada pelos indígenas aos “brancos”, isto é, às pessoas que não são indígenas.

superintendente disse: “Esses são os indígenas!” Aí eu fiquei pensando “E nós, num somos indígena não? Será que nós já peguemos o sangue lá do gaúcho aqui no nosso sangue? Né?” Mas aí ele quis dizer assim, por causa da cultura mesmo, tá se apresentando como indígena mesmo. Então eu vejo assim que a gente tem a identidade da gente. Como eu disse, a nossa identidade, a nossa língua, a nossa cultura, a nossa tradição, essa nossa identidade mesmo, né?

O que S. Dilmo expõe evidencia a ocorrência de certa pressão social que os indígenas sofrem em relação à sua identidade. No caso, apesar de ouvir de outra pessoa que os indígenas “de verdade” chegavam com manifestações culturais como a dança ao evento do qual participavam, S. Dilmo mostra discordância desta ideia, relacionando a identidade a elementos como a língua, a cultura e as tradições. Desta forma, ele apresenta uma concepção bastante mais ampla em relação à identidade.

Diante do exposto até agora, cabe então algumas questões fundamentais: o que é a *identidade indígena*? Será que esta identidade se baseia no isolamento dos povos indígenas que hoje convivem amplamente com a população *caraiúva*? Ou será que esta é apenas a solução mais fácil para uma maioria que não sabe conviver com o outro sem tentar rotulá-lo como melhor ou pior?

Nesse contexto, é necessário reforçar que identidade, sob a perspectiva antropológica, é “um sistema de representações que permite a construção do “eu”, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros” (SILVA; SILVA, 2009, p.202). Isso implica na noção de identidade como elemento que, partindo coletivo, estabelece particularidades no indivíduo, num processo de distanciamento do outro. Essa construção identitária, nesse caminho, é um processo que se realiza no indígena em relação àquele que ele estabelece como outro, no caso dos indígenas em tela, o *caraiúva*.

Na especificidade da identidade indígena, o fato é que em muitas situações a coletividade, em vez de favorecer o desabrochar das individualidades de cada sujeito, tem um efeito contrário, à medida que cobra do indivíduo maior aproximação do outro. É deste contexto que se origina a já mencionada pressão social em torno do ser ou não ser índio, que tem culminado na vergonha que muitos sentem em assumir-se como tais. Isso pode ser percebido a partir de outra afirmação de S. Dilmo:

[...] Então aqui nós temos a nossa identidade, ela só muda um pouco quando a gente vai pra cidade. A gente num vai se mostrar como a gente tá aqui. Aqui não, vai pescar, faz a damorida, coisa come aqui, bota folha, outro num quer com folha, outro faz do seu jeito, outro, e tem, ainda tem, nós temos nossa

identidade. Agora só que a gente não coisa, com, coisa lá: “Lá vem os branco, tira tudinho”. Ninguém quer mostrar nossa panela de barro cozinhando. Eu vejo assim, que a gente tem um pouco, a gente chama de vergonha, tem um pouco de vergonha do branco, ainda.

Neste momento, o entrevistado chega ao ponto de admitir, para um *caraiúva* (o entrevistador), que muitos indígenas se envergonham de se apresentar da maneira como convivem em suas comunidades. E quando se destaca esse ponto específico da fala, não há nenhuma crítica ao comportamento dos indígenas que têm esta atitude. Isso porque, de certa maneira, o ato de “esconder-se” diante do diferente resulta de um complexo processo de massificação identitária, em que o diferente causa estranheza, assusta, e por isso é recriminado. Ao mesmo tempo, a fala de Seu Dilmo mostra como a identidade fixa e imutável não cabe para dizer o que seria o indígena hoje: se na maloca eles têm uma atitude, na cidade o comportamento é outro, bem no sentido em que Hall defende a construção de uma identidade contemporânea, fluida. O que está implícito, nesse caso, é que eles mudam sua conduta, seu modo de agir, de maneira que isto interfere percepção que eles têm de si mesmos, não mais se reconhecendo como índios em toda a extensão tradicional da palavra.

A já referida tentativa de massificação identitária foi apontada por Coracini (2003, p. 13), que ao apresentar o livro *Identidade e Discurso: (Des)construindo Subjetividades* afirma:

Vivemos, pois, um período que muitos acreditam se caracterizar como de crise da identidade provocada, em grande parte, pela ideologia da globalização, que, ainda que o neguem seus defensores, pretende a centralização e a homogeneização de tudo e de todos: as diferenças só são respeitadas na medida em que elas garantem a manutenção ou a criação de um novo mercado de consumo.

Nesse ponto, a autora defende que os grupos ou indivíduos que se diferenciam da massa são tidos como indesejáveis, e só são tolerados quando os grupos majoritários percebem formas de lucrar com essa diferença, principalmente em termos de consumo. O que é dito por Coracini encontra eco em estudos de outros pesquisadores, como é o caso de Hall (2011). Para este autor, o processo de globalização causa impactos na identidade cultural. Essa identidade cultural a qual Hall se refere diz respeito à noção fazer parte de “culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (2011, p. 08).

No caso dos indígenas, frequentemente a noção de identidade cultural tem sido distorcida. Isso porque é perceptível o fato de que, para muitas pessoas, a percepção de identidade cultural referente a estes povos

se limita ao ser ou não ser índio. Ou então tais indivíduos teriam de escolher: ou branco ou índio. É evidente que isso é uma rotulação infundada, mas é o que a realidade tem demonstrado em muitos casos.

Como resultado disso é possível citar, entre outras coisas, a perda de elementos culturais dos indígenas. Um exemplo é o fato de que nem todos os índios querem aprender a falar sua língua materna, ou não se sentem à vontade para praticar antigos rituais de suas tribos, principalmente por causa da presença de novas religiões (FIOROTTI, 2012). É o caso, por exemplo, de D. Maria de Nazaré, da comunidade Olho D'Água, que conta ter passado pelo ritual de resguardo durante a primeira menstruação, mas que não pode fazer o mesmo por suas filhas, já que estas tinham de frequentar a escola.

Isso mostra que, se por um lado, os tempos atuais são de reflexão e tentativas de reparação de erros sociais cometidos anteriormente com grupos desprestigiados, por outro lado esse discurso de reparação na maioria das vezes não passa de teoria. Na prática, não se sabe ao certo como agir com povos como os indígenas, nem mesmo quais termos usar, como o termo perda utilizado por nós anteriormente. Para alguns, se deveria usar transculturalização, por exemplo, apesar de que efetivamente muitos costumes foram deixados para trás. E quando há alusão às dificuldades em saber como se referir aos índios, remete-se a problemas muito maiores que a simples questão de escolha de palavras mais/menos adequadas para tal finalidade. Isto envolve questões que englobam o reconhecimento e a imagem que a sociedade em geral tem dos povos indígenas e que tem influência na percepção que eles têm a respeito de si.

Na realidade, isso é mais um fruto do tipo de abordagem dispensada aos índios brasileiros desde os primórdios da habitação do território brasileiro, já que, ainda em 1500 com a chegada dos portugueses ao território que hoje corresponde ao Brasil, iniciou-se um período de devastação dos povos indígenas que aqui habitavam (RIBEIRO, 1995). Esta destruição não foi apenas em relação ao número de mortos que resultou do contato e os conflitos com os europeus, mas também se refere aos danos culturais que grande parte das etnias sofreu, uma vez que já naquela época a suposta superioridade do branco mostrava suas raízes destrutivas.

Hoje, não há como conceber a imagem romanceada que um grande número de pessoas ainda tem da figura do índio, assim como não é possível isolar o indígena do restante do mundo exigindo que este ignore as melhorias que o mundo moderno pode oferecer. Nesse contexto, os re-

sultados desastrosos da atitude desrespeitosa dos “brancos” com os índios que já habitavam o território “descoberto” pelos portugueses são de conhecimento geral. Inclusive não falta quem critique e condene a postura dos portugueses em relação aos primeiros habitantes das terras brasileiras. No entanto, não é impossível que dentre estas pessoas, algumas continuem praticando ações similares às dos europeus na época.

O que muitos ignoram ou preferem não considerar é que por trás destes povos de culturas milenares há muito que ser aprendido, tanto por índios quanto por não-índios. Ademais, a riqueza de elementos tradicionais indígenas como os cantos, as rezas e as danças também são dignos de admiração. Aliás, sobre a cultura indígena, o UNICEF afirma:

Nos seus modos diversos de falar, andar, comer, orar, celebrar e brincar estão inscritas suas marcas civilizatórias. Há um traço de destaque nesses povos [índigenas e afro-brasileiros]: ancorados na dimensão do sagrado, celebram e respeitam a vida e a morte, estabelecendo uma relação ética com a natureza. Pela forma de se expressar e de ver o mundo, tais populações mantêm vivas suas histórias (2011, p. 09).

Essa afirmação valora a cultura indígena, principalmente em comparação com a cultura do “branco”. Não porque uma seja mais importante ou melhor que a outra, mas porque uma pode complementar a outra, especialmente no contexto da busca pela identidade nacional. Aliás, neste ponto reside uma importante faceta da identidade: o da cooperação para a construção social, num processo em que coletivo colabora para o desenvolvimento do indivíduo, e o indivíduo se mostra essencial para a constituição do coletivo. No caso da relação entre indígenas roraimenses e o povo brasileiro de outras localidades como um todo, é possível afirmar que o indígena constitui o brasileiro e o brasileiro constitui o indígena, ainda que na maioria das vezes estes elementos sejam separados pelo abismo do preconceito.

Nesse caso, é válido questionar: em que tem se fundamentado a identidade brasileira que tanto se busca e se fala?

Se a identidade nacional não pode se firmar em suas bases naturais<sup>250</sup>, que tipo de identidade tem sido construído até hoje? Ortiz (s.d.) afirma que “A identidade de um Brasil que não olha para dentro de si, que não encara seus índios como raiz da nacionalidade, que está ancorada

---

<sup>250</sup> Neste trabalho, quando há referência à base natural da população do Brasil, remete-se ao que Darcy Ribeiro (1995) chamou de matriz étnica do povo brasileiro, que são, a saber, três: indígenas, africanos e portugueses.

no longínquo mar português, não poderia, realmente, estar completa” (p. 157). Assim, não restam dúvidas de que falar em identidade indígena é, em certo ponto, falar de identidade brasileira e vice-versa. E para compreender a ambas, é preciso antes de tudo pesquisar e analisar as bases da sociedade que hoje temos, realizando estudos que equiparem cada povo que constitui o Brasil de ontem, hoje e amanhã.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. A língua e identidade cultural de um povo. In: \_\_\_\_\_. *Língua, texto e ensino: outra escolha possível*. São Paulo: Parábola, 2009, p. 19-31.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. Estrategias para entrar y salir de la modernidade. México: Grijalbo, 1989.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. In: *Revista Entreletras*, vol. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013. Araguaína, TO.

CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

FIOROTTI, Devair. *Panton Pia’*: narrativa oral indígena. [Projeto de pesquisa]. Boa Vista: UERR, 2008.

\_\_\_\_\_. Diversidade cultural e identidade indígena na terra indígena São Marcos: contribuições para pensar a realidade indígena atual. In: SOUSA, Carla M. et al. *Estudos de linguagem e cultura regional*. Boa Vista: Edufr, 2013.

\_\_\_\_\_. Narrativa oral em questão: cultura em contato e imaterialidade a partir da TI São Marcos-RR. In: LEON, Allison. (Org.). *Amazônia: literatura e cultura*. 1. ed. Manaus: UEA, 2012, vol. 1, p. 127-140.

FREITAS, Aimberê. *Geografia e história de Roraima*. Manaus: Grafima, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KLEIMAN, Angela B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e*

*identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

LERAY, Christian. A língua como vetor identitário: o caso particular do gaulês na Bretanha. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade e discurso*: (des)construindo subjetividades. Campinas: UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

MAHER, Teresa Machado. Sendo índio em português... In: SIGNORINI, Inês. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

ORTIZ, Fernando. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1983.

ORTIZ, Renata Baum. *A presença indígena na constituição da identidade brasileira*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br>>. Acesso em: 16-08-2014.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

UNICEF. *Cultura e identidade* – comunicação para a igualdade étnico-racial: Guia de orientação para os municípios da Amazônia. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br>>. Acesso em: 16-08-2014.